

ADEMARIO RIBEIRO PAYAYÁ  
Os Indígenas, a Mãe Terra e o Bem Viver

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega  
Elaboração: Tom Nóbrega

---

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?!*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoera, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.<sup>2</sup>*

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência

humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série

de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

*Depende de nós.*

<sup>1</sup> In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## **DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA**

### **UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### **RESENHA**

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### **COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA**

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor. Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos

que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### **QUADRO-SÍNTESE**

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

### **PROPOSTAS DE ATIVIDADES**

#### **a) antes da leitura**

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto,

bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### **b) durante a leitura**

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### **c) depois da leitura**

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

#### *◆ nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.

- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

#### *◆ nas telas do cinema*

- Indicação de filmes que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

#### *◆ nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

#### *◆ nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## **DICAS DE LEITURA**

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ◆ do mesmo autor;
- ◆ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ◆ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ADEMARIO RIBEIRO PAYAYÁ

## Os Indígenas, a Mãe Terra e o Bem Viver

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

**UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Indígena Payayá, pedagogo, mestre e doutorando em Ciências da Educação. Ademario também é escritor, poeta, teatrólogo, diretor de teatro e presidente da Associação ARUANÃ. Na infância inventava escritas em folhas das árvores, solo dos terreiros e enxurradas. Nos anos 1970, iniciou sua Literatura. Tem publicações individuais e em coautorias com indígenas e não indígenas. Ademario tem contribuído nas formações de professores na perspectiva da ampliação de conhecimentos acerca dos povos indígenas com vistas a superarem estereótipos e compreenderem as sociodiversidades identitárias e culturais, além de divulgar escritores(as) da Literatura Indígena. É um dos autores que compõem a antologia *Apytama: floresta de histórias*, publicado pela editora Moderna em 2023.

**RESENHA**

De tanto comer licuri, um coco pequenino, Ademario Payayá passa a adotar o nome da fruta como um codinome seu. “Comi tanto esse fruto do licuri-zeiro na infância”, nos conta logo no início do livro, “[...] que, se abrirem meu corpo e minha alma, vão

encontrar muitos deles formando meus órgãos, meu sangue, meus sonhos e visões”. Como nos diz Truduá Dorrico em seu texto de apresentação, *Indígenas, a Mãe Terra e o Bem Viver* é uma obra ao mesmo tempo “autobiográfica, ensaística e poética”, cuja mescla de gêneros, segundo a pensadora, é bastante característica da literatura indígena. Uma jornada autobiográfica, de uma perspectiva indígena, está longe de acompanhar o processo de formação de um indivíduo isolado: crescer em uma comunidade indígena é experimentar uma conexão visceral e profunda com o território, com os ancestrais, mas também com a precariedade e com a violência que ficaram de rastro da experiência brutal da colonização. É construir os próprios brinquedos, contar e escutar histórias enquanto se quebra a casca do licuri para encontrar as amêndoas; é saber que por trás das plantas existem encantados que se deve ouvir e respeitar.

Segundo Ademario, seus avós já diziam “que um tempo de fúria e grandes devastações viria” – descrição essa que imediatamente faz pensar nas consequências das mudanças climáticas que estamos enfrentando neste momento, às quais a humanidade ainda está longe de encontrar uma resposta adequada. Neste momento crítico, temos muitíssimo a aprender com os povos indígenas, que há séculos

constroem modelos de sociedade integrados aos territórios que os rodeiam, e também há séculos se tornaram mestres na arte da sobrevivência, criando estratégias para resistir em meio às inúmeras crises que assolaram seu território desde a chegada dos europeus. O conceito de *Bem Viver*, mencionado no título da obra, é um princípio ético compartilhado por muitos povos de Abya Yala, nome indígena para as Américas, que pensa um viver bem que faz uso apenas daquilo que é necessário e se mantém integrado a todas as outras formas de vida, na contramão do modelo de desenvolvimento extrativista vigente, que considera a terra e a natureza apenas como insumos para a produção de mercadorias de rápido consumo.

## QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** Autobiografia, ensaio, poema

**Palavras-chave:** Povos indígenas, ancestralidade, território, colonização, integração, natureza

**Componentes curriculares envolvidos:** Língua Portuguesa, História, Geografia

**Competências Gerais da BNCC:** 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 10. Responsabilidade e cidadania

**Temas transversais contemporâneos:** Diversidade cultural, Educação ambiental

**Objetivo de Desenvolvimento Sustentável:** ODS-13. Ação contra a mudança global do clima

**Público-alvo:** Leitor crítico (8º e 9º anos do Ensino Fundamental)

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro, *Os Indígenas, a Mãe Terra e o Bem Viver*. O que os alunos entendem por “indígena”? Proponha que procurem a palavra em diferentes dicionários e, em seguida, faça um levantamento das ideias dos alunos a respeito desses povos e de seu modo de vida.

2. Provavelmente, os alunos já devem ter escutado a expressão “Mãe Terra”. O que os conceitos de “terra” e de “mãe” possuem em comum? O que estabelece uma relação entre eles? Veja se temas como nutrição, geração de vida e sustento vêm à tona nessa conversa.

3. Para que os alunos compreendam do que se trata o conceito de Bem Viver, princípio norteador fundamental para diversos povos indígenas, assista com eles ao vídeo do canal do YouTube do Instituto Casa Comum, disponível em: <https://mod.lk/Qqt6V> (acesso em: jan 2024).

4. Chame a atenção da turma para a imagem da capa. Veja se os alunos notam como o ilustrador combina fotografia e desenho digital para evocar elementos característicos da iconografia do universo indígena.

5. Leia com os alunos o impactante texto introdutório da página 6. Será que a primeira frase do texto os leva a pensar nas mudanças climáticas que nosso planeta está experimentando? Chame a atenção para o modo como o autor opta por usar a expressão “Casa Comum” para se referir ao planeta Terra.

6. O texto de apresentação compartilha com os leitores a reivindicação, por parte de diversos povos indígenas, de outros nomes para o território em que estamos, e que não tenham sido dados pelos colonizadores – Pindorama, para se referir ao território brasileiro, e Abya Yala, para nosso continente. Para que os alunos compreendam melhor essa reivindicação dos povos originários, leia com eles o verbete da Wikipedia sobre Pindorama, disponível em <https://mod.lk/AWccc>, e o texto a respeito de Abya Yala disponível no site do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Santa Catarina, <https://mod.lk/zWFnO> (acessos em: jan. 2024).

7. Proponha aos alunos que pesquisem a respeito da figura do Curupira, para que compreendam melhor por que ele pode ser compreendido como uma figura alegórica que sinaliza a busca dos povos indígenas por suas origens, já que, como diz o texto de apresentação, “segue adiante em sua missão, mas seus rastros apontam para de onde saiu e por onde voltar”.

8. Para que os alunos conheçam um pouco mais o autor, leia com eles a sua biografia na página 62 e, em seguida, assista a esse vídeo em que o autor se apresenta com belas palavras aos visitantes da exposição *Araeté – A Literatura dos Povos Originários*, realizada no Sesc Ipiranga, em São Paulo, da qual foi um dos curadores: <https://mod.lk/3CGZq> (acesso em: jan. 2024).

### Durante a leitura

1. Veja se os alunos notam como o narrador começa se apresentando diretamente ao leitor, como se começasse uma conversa.

2. No decorrer do livro, encontraremos diversas palavras em negrito iluminadas em amarelo: resalte para a turma que esse recurso indica que essa palavra consta no glossário do livro – é possível encontrar sua definição, em letras diminutas, às margens da mesma página em que o termo figura.

3. Canabrava Payayá fica no estado da Bahia, entre Inhambupe e Salvador, onde hoje é Miguel Calmon. Proponha aos alunos que localizem essas e outras cidades no mapa do Brasil com a ajuda de um aplicativo, como o Google Maps.

4. Peça aos alunos que prestem atenção nos diferentes gêneros de texto presentes no livro: relato autobiográfico, ensaio, poema, paródia, canção.
5. Proponha à turma que se atente para os momentos em que o texto revela as condições precárias vivenciadas pela comunidade do autor e por outros povos indígenas, assim como para as suas práticas de sobrevivência. Que estratégias são empregadas para sobreviver à precariedade, à fome e à violência?
6. Veja se os alunos percebem como no poema *Na capanga da alma indígena*, na página 38, o autor escreve empregando uma ortografia alternativa para termos em português, a fim de evocar a musicalidade e a sonoridade da maneira como a língua é falada entre os seus.
7. Peça aos alunos que prestem atenção às ilustrações e ao belo projeto gráfico do livro. Cada nova seção do livro é introduzida por uma página dupla onde, à esquerda, o título e o subtítulo surgem, em caixa alta, sobre um fundo avermelhado cor de urucum, enquanto na página à direita (por vezes transbordando para a página à esquerda) temos uma ilustração e/ou um jogo de texturas em que tons avermelhados e acastanhados se fazem muito presentes.
8. Nas páginas 54 e 55, há a partitura da canção *Ciclo*. Será que algum dos alunos poderia lê-la e tocá-la ou cantá-la, para que o resto da turma descubra a melodia proposta pelo autor?

## Depois da leitura

1. Debruce-se com a turma sobre o da seção VI – *Aqui e agora: cutucando para dialogar*, que serve de encerramento para a obra. O texto comenta como o termo “índio” é inadequado e remonta a uma percepção equivocada e generalista dos povos originários, que se perpetua desde a chegada da frota de Colombo. Será que os alunos sabem algo sobre como era, de fato, nosso continente antes da chegada dos europeus? Assista com os alunos a essa interessantíssima reportagem da BBC Brasil, que mostra como as pesquisas arqueológicas têm revelado muito a respeito da sofisticação, complexidade e integração das sociedades que aqui viviam, disponível em: <https://mod.lk/lpVCr> (acesso em: jan. 2024).
2. Como o autor comenta, segundo o Censo do IBGE de 2010, mais de 305 povos habitam o território brasileiro. Para saber mais a respeito de cada um deles, visite com os alunos a ótima página Povos Indígenas do Brasil, organizada pelo Instituto Socioambiental, uma das principais ONGs defensoras dos direitos indígenas, disponível em: <https://pib.socioambiental.org>.

Nela, é possível encontrar o nome da maior parte dos povos originários que vivem no país, clicar neles e obter mais informações a respeito de cada etnia, incluindo um pouco de sua história, seu território e sua cultura. Em seguida, assista com a turma ao documentário *Índio somos nós*, em que indígenas de diferentes etnias falam um pouco sobre seus modos de vida, disponível em: <https://mod.lk/identida> (acessos em: jan. 2024).

3. O conceito de Bem Viver traduz uma maneira de estar no mundo compartilhada por muitos povos ameríndios, como o *Sumak Kawsay*, de origem quéchua, povo andino, e o *Suma Qamaña*, do povo aimara. Entre o povo guarani, que habita o Brasil, temos o conceito de *Teko Porã*, termo em guarani que significa “o belo caminho” ou o “bem viver”, cuja ideia é um olhar para o mundo que reconhece todos os seres interligados. Para compreender melhor esse conceito guarani, leia com os alunos a entrevista com Jerá Guarani, primeira mulher a assumir a liderança guarani m’bya na aldeia Kalipety, em Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo, disponível em: <https://mod.lk/DoVjl> (acesso em: jan. 2024).

4. Você sabia que, ainda que o território brasileiro abrigue hoje apenas 20% das estimadas 1.175 línguas que tinha em 1500, o Brasil ainda assim é um dos dez países com maior diversidade linguística no mundo, muito embora nenhuma das línguas indígenas tenha sido reconhecida como língua oficial? Você sabia que, entre as línguas indígenas brasileiras, existem línguas dos sinais e até uma língua de assobio? Para que os alunos compreendam um pouco mais a respeito da grande variedade de línguas que existe por aqui, e descubram a sonoridade de algumas delas, assista com eles a essa esclarecedora reportagem de Camilla Costa para a BBC Brasil, disponível em: <https://mod.lk/ZKwbd>. Para se aprofundar ainda mais no assunto e visualizar os troncos linguísticos e famílias das línguas faladas por aqui, vale também acessar a reportagem, que apresenta uma série de gráficos, gravações em áudio e traduções de falas de diversas línguas indígenas, disponível em: <https://mod.lk/kS2pQ> (acessos em: jan. 2024).

5. Para conhecer mais de perto a criação musical de jovens artistas indígenas contemporâneos, escute com a turma a canção *Território Ancestral*, da cantora indígena Kaê Guajajara, que traduz com pungência e sensibilidade a experiência vivida por seus ancestrais, disponível em: <https://mod.lk/u2gxv>. E também ao vibrante videoclipe do *rapper* guarani Kunumi MC com uma música na língua guarani, em que tradição e contemporaneidade se cruzam, disponível em: <https://mod.lk/zi479> (acessos em: jan. 2024).

6. Os direitos dos povos indígenas estabelecidos pela Constituição de 1988 foram fruto de um processo de muita luta, porém são constantemente ameaçados e nunca inteiramente postos em prática. Para compreender melhor quais são os direitos garantidos aos povos indígenas, leia com a turma esse texto disponível na página do Instituto Socioambiental: <https://mod.lk/g3hyn>. Em seguida, assista com eles ao belo e memorável discurso proferido pelo jovem Ailton Krenak, porta-voz do movimento indígena, no Congresso Nacional em 1987 – certamente um dos momentos mais significativos da história do congresso brasileiro, disponível em: <https://mod.lk/krenak12>. Para que você possa se preparar para discutir esse tema com os alunos, recomendamos que assista ao documentário *Índio cidadão?*, de 2014, que narra a história da luta do movimento indígena na Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, ao mesmo tempo em que documenta a ocupação indígena no Congresso Nacional no Abril Indígena de 2013, 24 anos depois da promulgação da Constituição (acessos em: jan. 2024).

7. Para que os alunos tenham uma dimensão da riqueza e complexidade do pensamento indígena e do modo como ele dialoga com o conhecimento científico e a sabedoria de diversos outros povos que habitam a Terra, assista com a turma ao primeiro episódio do ciclo Flecha, *A serpente e a canoa*, concebido e narrado por Ailton Krenak e dirigido por Anna Dantes, disponível em: <https://mod.lk/evi2k>.

Estimule os alunos a assistirem às demais Flechas da mesma série. No *site* do projeto Selvagem, <https://selvagemciclo.com.br/>, é possível ter acesso a um conteúdo riquíssimo que aproxima a sabedoria ancestral e o pensamento científico (acessos em: jan. 2024).

## DICAS DE LEITURA

### ► do mesmo autor

- *Apytama*: floresta de histórias. São Paulo: Moderna.
- *Oré-Îandé* (Nós sem vocês – Nós com vocês). São Paulo: Edições Kurupyra.

### ► sobre o mesmo assunto

- *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras.
- *A terra dos mil povos*: história Indígena do Brasil contada por um índio, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis.
- *Tembetá*: conversas com pensadores indígenas, de Idjahure Kadiwéu. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- *Ay kakyri tama*: eu moro na cidade, de Márcia Wayna Kambeba. São Paulo: Polén Livros.
- *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico. Nova Lima/MG: Caos e Letras.